

Espelhos

Jorge Carreira Maia

Kant defende que devemos ser generosos para com os animais não por eles próprios, mas por nós, pela afirmação e cultivo da nossa humanidade. Não temos para com eles deveres directos e isso deve-se à ausência da consciência de si que os animais ostentam, tornando-os apenas meio para um fim, o homem. Nestes dias em que se fala em direitos dos animais e em deveres directos para com eles, esta instrumentalidade do animal chocará muitas consciências ingénuas. Não é inútil, todavia, determo-nos na natureza instrumental dos animais não humanos. Não em sentidos triviais, como aqueles que surgem quando falamos de animais de companhia, animais para alimentação, animais de trabalho e transporte, animais de caça, animais de lazer ou animais para decoração de um lugar. Esta instrumentalidade vulgar é secundária e, como tal, derivada de uma outra.

Ao olharmos um animal instituímo-lo como um espelho onde nos vemos. Os animais são objectos que, ao serem olhados, nos devolvem uma imagem de nós próprios. Essa imagem nunca é neutra, mas vive entre a exaltação e a humilhação. A imagem que o animal nos devolve é sempre inquietante, pois tanto as modalidades da exaltação como as da humilhação funcionam como formas de questionamento do nosso próprio ser. A não racionalidade do animal exalta-nos na nossa racionalidade. A potência ou rapidez dos seus corpos humilham-nos na nossa fragilidade e lentidão. Estes dois pólos ajudam-nos a constituir a nossa imagem, isto é, a nossa consciência de si. Talvez Kant esteja certo e os animais não possuam essa modalidade de consciência, mas a nossa foi construída à sua custa, utilizando-os como o espelho onde nos aprendemos a ver.

Esta aprendizagem é um jogo, uma espécie de passatempo, onde, ao olharmo-nos nos espelhos, procuramos diferenças e semelhanças. O jogo é uma

coisa séria. Quando se enunciou pela primeira vez a definição de homem como animal racional, sintetizou-se esse jogo que decorria há dezenas de milhares de anos. Humilhação pela semelhança, a pertença ao género animal. Exaltação pela diferença específica, o afirmar da excepção de ser portador de uma razão. Essa enunciação tardia representa, porém, uma verdadeira inversão. Antes dela o motivo de exaltação residia na semelhança animal, o da humilhação ficava no lado da razão, instrumento tão frágil que levava o homem a adoptar como guia espiritual e fonte de sabedoria um animal totémico. A inversão não será estranha à iteração de se ver ao espelho, de se comparar com os animais, de elaborar taxinomias onde se criavam classes organizadoras de semelhanças e diferenças. Essas classes permitiram a manipulação e o jogo foi produzindo novas arrumações, as quais, lentamente, se inverteram e encontraram a sua expressão mais tonitruante na filosofia grega.

A metamorfose na imagem de si, nascida da relação especular do homem com os animais não humanos e que permitiu ao primeiro encontrar uma diferença específica, foi acompanhada por um pronunciamento tingido já pela *hübry*s. Essa insurgência contra a animalidade deu de imediato motivo a uma guerra civil. Num dos lados do campo de batalha, essa razão seria o sinal do divino no homem e o metro universal que a tudo devia medir. No outro, a mesma razão era o padrão que tornava o homem, na singularidade dos seus desejos, a medida de todas as coisas. Por mais sangrentos e dramáticos que tenham sido os conflitos entre os dois bandos em contenda, antes que, no século XVII, as famílias desavindas tivessem celebrado um pacto nupcial, do qual a posição de Kant é herdeira, havia neles a desmedida comum que recalcava para um poço escuro, como um facto insuportável, a animalidade dos animais. Não deixávamos de olhar para eles, de os ver como um espelho, mas um espelho que deveria confirmar, como no caso da madrasta malvada da Branca de Neve, que somos os mais belos, isto é, que em nenhuma das nossas rugas haveria traço de que somos animais.

A actual preocupação com os animais, uma preocupação que alcança inclusive representação política e afirmação de direitos, não deve ser interpretada

como o reconhecimento do animal não humano como um fim em si mesmo, mesmo que tenha essa aparência. Significa apenas que continuamos a usar, cada vez mais com menos vergonha, os animais como um espelho onde nos vemos. Envelheceu a definição de homem como animal racional que nos guiou na viagem durante um curto espaço de tempo. Cansámo-nos dela, assim como nos cansámos do pacto nupcial assinado no século XVII. Razão divina e razão humana entregaram-se a um prolongado processo de divórcio. Deste parece ter resultado uma dúvida avassaladora sobre a nossa identidade, que procurou encontrar em territórios inóspitos, como as relações sociais, a vontade de potência ou os dramas do inconsciente, o remédio que lhe permitisse sobreviver. Nenhum dos colírios, porém, esteve à altura das pretensões, gerando apenas uma enorme fadiga.

É o cansaço que nos está a obrigar a olhar para espelho que os animais sempre foram para nós. A vaga de protecção política dos animais foi dinamizada pelo estudo científico. O evolucionismo darwiniano terá contribuído para a suspeita sobre a diferença específica entre o homem e os outros animais e áreas como a Etologia acentuaram essa suspeita, que é um dos elementos constitutivos da crise de identidade humana. Tornamos a olhar para o espelho animal. Que semelhanças e que diferenças existem? Olhamo-los com esperança de nelas encontrar de novo aquilo que somos, através de uma reorganização das diferenças e das semelhanças, por meio de uma reordenação do exaltante e do humilhante. Os animais continuam a ser instrumentos do homem. Não apenas, nem em primeiro lugar, porque este os usa para as suas diversas modalidades de consumo, que vão desde o mercado da alimentação até ao comércio da companhia e do entretenimento, mas porque eles são o espelho onde ele procura descobrir a imagem de si, agora que não sabe aquilo que é, nem quem é, nem está certificado sobre as semelhanças e as diferenças que o exaltam e o humilham.